

RENOVAÇÃO CATÓLICA: RENOVAÇÃO DOS ARES TRADICIONAIS*

*Luciane Cristina de Oliveira***

Resumo: O objetivo deste artigo é ponderar a forma como as regras do discurso do movimento religioso da Renovação Carismática Católica modelam a identidade das(os) fiéis, impondo-lhes um novo padrão de vida. Para alcançar as entrelinhas do discurso carismático, além da observação participante dos rituais e dos programas exibidos pela TV Canção Nova, também houve a pesquisa da literatura carismática, em especial a produzida a partir da Comunidade Canção Nova, na qual as normas são expressas de forma mais objetiva. Apenas as(os) carismáticas(os), com as regras corporificadas, ou as pessoas com sérias pretensões da obtenção dessa identidade têm acesso aos modelos de conduta já cristalizados no movimento. Este é um cuidado para que as(os) fiéis, ao se aproximarem da Renovação, não se sintam intimidadas(os) ao adentrarem, devido à série de restrições a que se submeterão.

Palavras-chave: Sociologia da religião. Renovação Carismática Católica. Identidade.

Abstract: The present work aims at considering how the rules of the speech of the religious movement Catholic Charismatic Renewal shape the followers identity and impose a new standard of living on them. In addition to the observation of the rituals and the shows presented on the Canção Nova TV, both aimed at understanding the charismatic speech, research on the charismatic literature was also done. Special attention was given to the research originated in the Canção Nova Community where the rules are expressed more clearly, since only those who are really involved in the movement, or those who deeply want to join it, will manage to embody such rules. Thus, people desiring to approach the movement must be aware of the rules they will have to follow and the restrictions they will be subjected to, in order not to feel intimidated when joining the movement.

Keywords: Sociology of the religion. Catholic Charismatic Renewal. Identity.

* Comunicação apresentada na sessão Religião e Religiosidades, durante o 34º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, USP, no dia 18 de maio de 2007.

** Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos e Doutora em Sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista. E-mail: luoliv@fclar.unesp.br ou luciane-oliveira@uol.com.br.

GÊNESE DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

A Igreja Católica, ao perceber a perda de fiéis para outras denominações, convocou o Concílio Vaticano II, que se iniciou no papado de João XXIII, em 1962, e finalizou com o Papa Paulo VI, em 1965. Essa foi uma resposta da Igreja às(aos) fiéis que, à procura de soluções para suas aflições, buscaram novas formas de religiosidade ou apenas abandonaram suas crenças místicas. O abandono dos bancos eclesiásticos fez com que a Igreja diminuísse a ênfase em alguns traços tradicionais, como a assustadora figura demoníaca, que tinha como meta ser o braço disciplinador das(os) fiéis, assim como nas regras de conduta que foram abrandadas. Com a abertura das normas morais, o meio católico passou a encarar a modernidade como um caminho sem retorno, então viu a necessidade de se atualizar frente ao processo modernizador que a sociedade passou a afrontar (BERGER, 1985).

Se o Vaticano II buscou “enfrentar dilemas do mundo contemporâneo e dar respostas modernas a tais problemas” (TOSTA, 1997, p. 78), um dos meios utilizados foi a restrição da crença em milagres, às vezes, a única esperança que o indivíduo podia ter na vida, portanto se estabelecendo que tudo teria que ser pensado de forma lógica compatibilizando-se com o mundo racional. Como analisa Prandi (1999), “tudo isso veio compor uma religião muito diferente, especialmente desencantada, nem sempre palatável ao gosto dos católicos, sobretudo os mais velhos, tanto que algumas inovações duraram pouco”.

O demônio, que nascera como braço disciplinador da Igreja, foi deixado de lado, a preocupação passou a ser com o dia de hoje, o mundo *post mortem* foi esquecido. Conforme analisa Carranza (2000, p. 182), “preocupadas (as instituições religiosas tradicionais) com resistir às colocações trazidas pela ciência e pela procura de meios eruditos de legitimação, deslocaram das suas preocupações teológicas a questão do demônio”. Conseqüentemente, deixou de existir a regulação moral das(os) fiéis que, antes coibidas(os) pela ameaça do inferno, se preocupavam em balizar a vida conforme os conceitos católicos.

Com base no *aggiornamento*¹ da Igreja, na visão de muitas(os), os milagres deixaram de acontecer, como uma resposta divina ao abrandamento das normas de conduta pessoal, antes impostas pelo medo do demônio e suas punições, e o resultado foi a ameaça de anomia das(os) fiéis. Movimentos reativos surgiram como uma forma de combater a falta de Deus na sociedade. Docentes e discentes de uma universidade, em Pittsburg, passaram a orar em busca do Espírito Santo, pois acreditaram que, apesar de

¹ Atualização.

“Deus estar morto”, conforme Nietzsche² anunciou, havia a esperança de que por meio da oração, a fé renasceria no coração das(os) fiéis e o Espírito Santo voltaria a praticar milagres entre elas(es) (RANAGHAN, 1972). Em fevereiro de 1967, um pequeno grupo de pessoas desse mesmo meio acadêmico se reuniu, durante um final de semana, para orarem e descobrirem os desígnios de Deus a elas(es). “Através do uso de um gesto simbólico conhecido como ‘imposição das mãos’, elas(es) oram pedindo os dons do Espírito Santo descritos por São Paulo”. (RANAGHAN, 1972, p. 201). Entre esses dons estava o dom da cura, das línguas, do amor, da sabedoria, da fé, os carismas que acreditavam edificar nelas(es) o corpo de Cristo.

A população que acolheu o movimento encontrou uma afinidade eletiva entre seus anseios e os propósitos da Renovação, ou seja, se a modernidade era algo invencível, as(os) fiéis mostraram-se os “manobreiros de desvio da linha do trem de ferro” (PIERUCCI, 2005, p. 41). Buscaram na religião a mudança de sua vida e escolheram alguns itens da modernidade e da tradição oferecidos pela Igreja que melhor se integravam a seus anseios de alcançarem um novo pentecostes.³ Da modernidade abstrairam “a hora dos leigos”, ou seja, à frente de seus cultos, leigas(os) emanadas(os) pelo carisma do Espírito Santo, com o dom da palavra passaram a comandar os rituais e da tradição resgataram a figura, abrandada pelo Vaticano II, do mal, do diabo, do inferno, da punição, para dessa forma as(os) fiéis voltarem a ver o sentido de se distanciarem dos prazeres mundanos, além do retorno à crença em milagres.

Ao mesclarem os dois conceitos, modernidade e tradição, inauguraram um movimento reativo ao Concílio Vaticano II e que soube dosar o interesse das(os) fiéis, reintroduzindo o conceito de família burguesa na sociedade. Nesta, a sexualidade passa a ser encerrada dentro de quatro paredes e é absorvida inteiramente na função de reproduzir: “o casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa.” (FOUCAULT, 1988, p. 39), ou ainda, como a pesquisadora Rosado-Nunes (1996) analisa, “as famílias monogâmicas estáveis apresentam-se como eixo de difusão da fé católica e da moral cristã.” (p. 77).

No entanto, conforme foi exposto, a Renovação Carismática Católica é um movimento que combate as novas diretrizes da Igreja Católica, ou seja, a tendência poderia ser a mesma de outros movimentos religiosos,

² Para o filósofo, a morte de Deus representava a descrença da humanidade em quaisquer valores que não fossem racionais.

³ No dia de Pentecostes, cinquenta dias após a ressurreição de Jesus Cristo, os apóstolos estavam reunidos, quando línguas de fogo pousaram sob sua cabeça, representando o sopro do Espírito Santo (At 2, 1-4).

⁴ A Teologia da Libertação, antes de ter sido sistematizada, foi vivenciada numa realidade histórica e sociológica, numa dependência dos países pobres – um povo massacrado e oprimido – em relação aos países ricos, e que dentro

como a Teologia da Libertação,⁴ que foi asfixiada pela estrutura eclesial. Porém, o destino da Renovação foi bem diferente, o ícone do movimento é Maria, um exemplo a ser seguido pelas mulheres, e, em 1978, o Papa João Paulo II, um devoto mariano, teve uma visão mais política da situação eclesial, não deixando o movimento ser sufocado e o anexou de forma legítima à hierarquia religiosa. Deve-se lembrar que esta foi uma forma de evitar a perda de devotas(os) e, dessa forma, estimular a Renovação a ser uma *ecclesiola in ecclesia*⁵ (WACH, 1990).

É nessa revivência pós-conciliar que surge o movimento de renovação Carismática Católica (RCC), como uma inflexão do catolicismo que reage diante da pós-modernidade, oferecendo uma nova subjetividade religiosa pautada nos moldes neopentecostais e como uma agência moderna de afiliação. (CARRANZA, 2000, p. 16).

Esse movimento religioso, que se opôs ao Concílio Vaticano II, chegou ao Brasil em 1969, por meio dos padres jesuítas Eduardo Dougherty e Haroldo Hahn. Porém, o pentecostes no Brasil ainda levaria algum tempo para acontecer. Em 1971, o padre Jonas Abib,⁶ desiludido com os rumos que Igreja Católica tomava, conheceu a Renovação Carismática Católica ao participar de um retiro promovido pelo Pe. Haroldo Hahn. Daí, segundo a literatura carismática, o Pentecostes acontece e, a partir desse momento, o padre sentiu-se iluminado pelo Espírito Santo e se empenhou no trabalho com a juventude.⁷ Em 1978 fundou a Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista/SP, com a missão de evangelizar. Já em 1980, a Comunidade passou a ter sua mensagem transmitida pelas ondas da Rádio Canção Nova, sendo esse o início do caminho para se tornar uma grande expressão midiática da Renovação, o germe da TV Canção Nova e do *site* Canção Nova (www.cancaonova.com). Em 2004 a Comunidade deu um outro passo importante, pois inaugurou o Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, um local para mais de 80 mil pessoas. Nesse espaço são realizados os eventos de maior porte da Renovação Carismática, há uma completa infra-estrutura para recepcionar as(os) fiéis.

A mídia tornou-se um meio fundamental para a divulgação do movimento carismático. A TV Canção Nova conta com uma programação de vinte e quatro horas ininterruptas de evangelização, com uma programação

dessa realidade de pobreza faz a realidade de Deus, faz brotar o reino de Deus. É o povo da resistência, o povo da luta. O pobre é aquele que mesmo na miséria tem uma perspectiva de vida de luta, porque ele coloca sentido na vida. E o que é esse sentido? É a fé, através de uma religião (entrevista com Pe. Leonildo Guasqui apud OLIVEIRA, 2003, p. 26).

⁵ Uma Igrejinha dentro da Igreja.

⁶ Um dos mais importantes líderes carismáticos brasileiros, um nome de expressão para o movimento carismático (PRANDI, 1997, p. 112).

⁷ Testemunho dado pelo Pe. Jonas Abib e transmitido pela TV Canção Nova durante as comemorações de seus setenta anos (21 de dezembro de 2006).

variada para atender a diversas faixas etárias, buscando assim “arrebatar” um maior número de fiéis para a caminhada. Pela manhã, programas voltados às donas-de-casa, no final da tarde, gincanas com o objetivo de conquistar a audiência do público jovem e, à noite, programas educativos direcionados à família em geral, ou seja, a programação é feita de acordo com os anseios do movimento. Se as mulheres casadas têm a função de cuidarem do lar, da educação das(os) filhas(os), pela manhã, os programas são sobre a manutenção da casa (receitas, dicas de educação para crianças) e à noite, quando os homens retornam das tarefas públicas, a programação é voltada para a família, com o objetivo de promover a união, a maior aliança no lar. Já no *site* da comunidade há uma ampla divulgação dos eventos carismáticos, seja na própria comunidade ou com a participação de suas(seus) obreiras(os) em outros lugares e, quase diariamente, conversas *online* com suas(seus) fiéis. Por meio desse recurso buscam alcançar uma maior interatividade com as(os) jovens, público alvo da Renovação Carismática Católica, pois há a esperança de que elas(es) ainda não tiveram uma maior proximidade com a vida profana.

A potencialidade do discurso carismático de Cachoeira Paulista fabricou diversos nomes, entre eles, vários de alcance nacional, como Dunga, o idealizador do programa bastante difundido entre os jovens, Por Hoje Não vou pecar (PHN). Em suas palestras é dado o testemunho de sua mudança de vida, aos dezoito anos, perdido no mundo, já entregue às drogas, teve o primeiro contato com o Espírito Santo e, a partir daquele momento, seu universo sofreu uma grande transformação, o pentecostes acontece em sua vida e, dessa forma, troca a liberdade de viver os prazeres do corpo, para viver a missão de pregar a necessidade da santidade e alcançar as graças de Deus.

IDENTIDADE CARISMÁTICA – O QUE OS DIFERENCIA DE OUTROS CATÓLICAS(OS)

O ponto que diferencia as(os) carismáticas(os) das(os) fiéis católicas(os) é a forma de articulação dos elementos identitários do movimento religioso, uma vez que é mesclado o tradicionalismo com a modernidade, e assim se estabelece um movimento conservador. Pierucci e Prandi (1996) analisam que a religião supre o que o profano não oferece, concede a esperança. Desse modo, as (os) fiéis encontram a certeza em seu coração de que Deus sabe de todas as suas necessidades e apenas espera que elas(es) se entreguem à vinda Dele. Na Renovação Carismática Católica, um movimento que mescla passado e presente, sagrado/tradicional e profano/modernidade, será encontrada a resposta do porquê de tantos adeptos estarem dispostos a essa transformação identitária, ou seja, às(aos) fiéis, apesar de tantas restrições, são oferecidos graças, milagres, o que as(os) faz aceitarem as imposições, enfim as pessoas sentem-se confortáveis no mundo, mais seguras.

Um dos maiores recursos para o proselitismo carismático são os grupos de oração.⁸ Nesses encontros se estabelece a chave do conhecimento, nele é realizado um ritual, o novo pentecostes, o ponto epifânico da Renovação Carismática. A elas(es) não importa o número de pessoas, pois, segundo as palavras da Bíblia, Deus estará presente em qualquer lugar onde duas ou mais pessoas se reunirem em Seu nome. E assim, é seguido um ritual: todas as semanas, o grupo de oração louva a Deus, pede proteção aos anjos, professa salmos e proclama o Evangelho. Esse é o momento em que as(os) fiéis se vêem mais seguras(os), distantes das incertezas do cotidiano, uma vez que se reconhecem no ambiente eclesial e buscam o mesmo ideal, o de alcançar alívio para seus problemas no mundo profano. Com isso, há “o desenvolvimento de uma liturgia ‘menos racional’, onde a emoção e o sobrenatural ocupam maior destaque” (CAMPOS, 1995, p. 100).

É nessas pequenas células, ou, no linguajar carismático, é nas meninas dos olhos da Renovação que as(os) fiéis se sentem aconchegadas(os), uma vez que nas reuniões, muitas vezes, conseguem se exprimir sem a tensão cotidiana. “A mensagem religiosa sacraliza um cotidiano banal. Transforma em interpretação divina as experiências miúdas de dor e de alegria”. (BENEDETTI, 1988, p. 194). As(os) fiéis extravasam sua tensão com cânticos, gestos e coreografias que marcam os movimentos pentecostais, elas(es) rompem com o cansaço cotidiano, sacodem o desânimo e acordam para as bênçãos do Espírito Santo. O gesto simbólico da imposição das mãos é o princípio para a força de o Espírito Santo estar presente naquele instante do grupo de oração.

A identidade assumida pelas(os) carismáticas(os) é marcada pelo *antes*, quando pecadoras(es) infiéis, e pelo *depois*, já com suas almas renovadas pelo Espírito Santo. Essa linguagem é reincidente nos discursos de todos(as) que já passaram pela transformação de sua vida:

O sofrimento de ser escrito pela lei do grupo vem estranhamente acompanhado por um prazer, o de ser reconhecido, de se tornar uma palavra identificável e legível numa língua social, de ser mudado em fragmento de um texto anônimo, de ser escrito numa simbólica sem dono e sem autor. Cada impresso repete essa ambivalente experiência do corpo escrito pela lei do outro. (CERTEAU, 1996, p. 232).

As(os) carismáticas(os), além de gravarem em seus corpos as normas do movimento religioso, que se manifestam por meio das escolhas fei-

⁸ O termo grupo de oração define a unidade sociológica básica da Renovação Carismática: a reunião semanal de adeptos, nas igrejas, salões e casas, onde empreendem atividades como ler trechos bíblicos, pronunciarem orações escritas e espontâneas, aguardarem e/ou buscarem experiências místicas, ou seja, as manifestações carismáticas. Possui dois aspectos: a rotatividade dos que frequentam as reuniões, e uma pequena equipe permanente que prepara as reuniões do grupo. Esta equipe reúne-se em dias separados do grupo maior. Para integrar esta equipe há uma série de exigências, desde o domínio de algum dom carismático até frequência aos sacramentos.

tas, dos novos comportamentos assumidos, também ostentam símbolos que as(os) diferenciam dos demais, como o terço, crucifixos, camisetas com dizeres proclamados pelo movimento,⁹ rosários, ou seja, isso marca a corporificação do movimento no indivíduo, resultado da junção da identidade social e pessoal do eu. Outro ponto que as(os) diferenciam das(os) outras(os) católicas(os) é o estímulo a leitura da Bíblia nos grupos de oração. Outro ponto ainda, que os(as) diferenciam é serem demarcadas(os) com uma nova nomeação – *carismáticas(os)* ou, como Goffman (1982) analisa, o aprendizado do estigma é sonoro.

REGULAÇÃO DA VIDA PRIVADA

Ser carismática(o), aceitar essa incorporação, traz consigo a exigência de aceitar algumas normas, que vão desde o controle da vestimenta até a regulação das escolhas em suas vidas privadas. Neste *paper* será dada ênfase às questões que envolvem a regulação da sexualidade das(os) fiéis e as principais armas para o controle da vida íntima é a confissão e o matrimônio, portanto, serão feitas discussões sobre esses dois sacramentos.

CONFISSÃO

Na Igreja Católica, esse sacramento dá direito a oito dias de indulgência,¹⁰ portanto, a confissão é uma tarefa do indivíduo, caso ela(e) queira um dia alcançar a vida eterna, além de ser um instrumento de regulação da sexualidade, em especial, das(os) carismáticas(os). Foucault, em sua *História da Sexualidade I - a vontade de saber*, mediante uma historicização, pondera que no ocidente configurou-se a *scientia sexualis*, no qual o ato de se confessar é o ponto central na produção de saberes sobre o sexo, com o objetivo de produzir corpos dóceis. “Poder-se-iam considerar todas as coisas ditas, precauções meticulosas e análises detalhadas, como procedimentos destinados a esquivar a verdade insuportável e excessivamente perigosa sobre o sexo”. (FOUCAULT, 1988, p. 53).

As(os) carismáticas(os) são cerceadas(os) em sua vida privada pela presença de um Deus onipresente e onipotente, que tudo vê e tudo pode; desse modo elas(es) não podem ocultar seus desejos e pensamentos mais íntimos diante do padre, no momento da confissão, pois ele é o intermediário de Deus para livrá-las(os) da culpa de transgredir as normas. Elas(es) são estimuladas(os) a produzirem um discurso da verdade, justificando-se esse hábito imposto da confissão pelo fato de os prazeres carnis manterem o

⁹ Por exemplo: “Sede Santo”, “E Deus viu que isso era bom”, “Exército de Deus”, “Quem ama sempre vence”, “Buscai as coisas do alto”, entre outros, além de imagens de santos.

¹⁰ Remissão das penas, perdão divino.

espírito prisioneiro do corpo, o que as(os) impede de se elevar a Deus e, confessados os pecados, acredita-se que as(os) fiéis não reincidiram nos erros, pois a falta foi absolvida por um sacerdote, um enviado de Deus para guiar suas(seus) fiéis.

Para evitar a reincidência ou mesmo a incidência nas faltas, elas(es) também não devem se deparar com quaisquer situações que despertem a libido, pois o desejo é uma tentação do mal, com isso as(os) fiéis devem se manter distantes de ocasiões que insinuem a presença do sexo, como não se permitirem a assistir a programas televisivos que mostrem situações com cenas até mesmo sensuais. “Um discurso obediente e atento deve, portanto, seguir, segundo todos os seus desvios, a linha de junção do corpo e da alma: ele revela, sob a superfície dos pecados, a nervura ininterrupta da carne”. (FOUCAULT, 1988, p. 23). As(os) seguidoras(es) do movimento, em sua maioria, assistem à programação dos canais televisivos do próprio movimento religioso, entre os quais se pode citar a TV Canção Nova.

MATRIMÔNIO

A Igreja promove entre as(os) fiéis o ideal de família burguesa – um casamento estável, com a mãe voltada ao lar, sem se ocupar com as questões econômicas, que são delegadas à autoridade paterna, sendo, dessa forma, reforçado o discurso patriarcal da Igreja. Esse pensamento ainda é cotidianamente recordado por meio de palestras, debates e homilias num canal que permanece vinte e quatro horas do dia no ar, sendo grande parte da programação transmitida ao vivo. Além disso, o movimento, com a clara intenção de homogeneizar o discurso e proporcionar a vinculação ainda maior de suas(seus) seguidoras(es), tem um grande número de publicações para reforçar as normas da Renovação:

Nossos órgãos genitais são bons, santos e precisam servir a Deus no amor. E como? Com exceção é claro, dos casos que se optou pela abstinência, servir no amor significa construir família, gerar filhos para esta terra e para o céu. Todo desvio desse caminho é uma distorção. (ABIB, 1996, p. 44).

Qualquer expressão de sexualidade fora desse contexto é denominada como perversa, um pecado.

A exigência da constituição da família sob as bênçãos de Deus é uma forma de solicitar a permissão divina para o exercício da sexualidade, a obrigatoriedade do casamento religioso também é uma forma de restringir oficialmente a sexualidade do casal. Porém, mesmo dentro do único meio admissível para o exercício da sexualidade, os casais ainda sofrem o controle quanto a suas atitudes, pois a Renovação não admite o sexo apenas pelo prazer, ele deve existir com o claro objetivo de procriação, pois, segundo a

Igreja, Deus, o Criador, compartilhou com a humanidade a função de povoar a terra, assim homens e mulheres têm a missão divina da procriação.¹¹

O ideal das(os) carismáticas(os) é a castidade, pois demonstra o rompimento com os prazeres carnis e a entrega à missão divina de proclamar a boa nova à humanidade e as(os) carismáticas(os) reforçam o controle ainda mais no discurso, porém de forma diferenciada, dependendo do sexo. Se os homens podem cometer lapsos na vida, praticarem atos sexuais e sentirem o prazer da cópula, para depois serem perdoados e seguirem o caminho santo, as mulheres, além de serem copiosamente orientadas a permanecerem virgens antes do casamento, também não têm o direito de sentir prazer. As restrições da sexualidade não se bastam ao exercício das regras, as(os) carismáticas(os) também sofrem coerção quanto à escolha de seu(sua) companheiro(a), uma vez que são orientadas(os) a darem preferência à união entre pessoas com a mesma identidade religiosa, pois, assim, se torna mais fácil a aceitação das normas do movimento, como aceitar a premissa carismática de que o casal deve buscar o exercício da sexualidade apenas com o objetivo divino da procriação.

A TRADIÇÃO É O CAMINHO - AS DIFERENÇAS ENTRE OS GÊNEROS

Os casais carismáticos têm como objetivo, ao menos aparentemente, um casamento estável, com uma esposa/mãe voltada ao lar, ocupada com a educação das crianças e despreocupada com as questões econômicas, que são delegadas à autoridade paterna. Esse mesmo discurso essencialista¹² está presente em manuais católicos que orientam sobre a sexualidade das(os) jovens, pois com base na educação que homens e mulheres, estas em especial, passam a viver para o amor, amor a sua prole, ao esposo e a sua casa. Mas, para tanto, elas devem se manter puras, distantes dos problemas e das tentações mundanas proporcionadas pelo mundo do trabalho, que deve ser encargo apenas dos homens. Este é o plano ideal para as mulheres, pois, distantes da vida pública, o risco de um rompimento ao voto feito a Deus, o do matrimônio, é menor. Portanto as mulheres que vivem sob as amarras da Igreja estão condenadas a vestirem um espartilho de obrigações, que são retransmitidas às crianças da casa durante a socialização familiar.

No discurso carismático está presente a divisão do trabalho dentro da família carismática. Enquanto eles desenvolvem sua capacidade intelectual e de interação social na vida pública, elas se restringem à função de procriadoras na vida privada. Essa relação de subordinação das mulheres

¹¹ “Mas vós frutificai e multiplicai-vos; povoai abundantemente a terra, e multiplicai-vos nela’ (Gen 9:7). ‘Tomai mulheres e gerai filhos e filhas, e tomai mulheres para vossos filhos, e dai vossas filhas a maridos, para que tenham filhos e filhas; e multiplicai-vos ali, e não vos diminuais’”. (Jer 29, 6).

¹² A natureza é quem determina o destino, tanto dos homens como das mulheres.

na sociedade é explicada por meio da necessidade masculina de as dominar e por elas aceitarem esse processo. Bourdieu (1998) analisa que “o poder é invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (p. 8).

Ainda para se comprovar a diferenciação das relações de gênero, pode-se citar um trecho do livro do Pe Jonas Abib, *Geração PHN*, no qual ele explora os dizeres da Bíblia: “O Senhor disse: ‘Não é bom para o homem ficar sozinho. Quero fazer para ele uma ajuda que lhe seja adequada’” (Gn 2,18), ou seja, a mulher foi a segunda na criação da humanidade, mas a primeira a pecar, pondo em risco o trabalho divino, ou seja, Eva não foi feita para os homens. Por isso, Deus, ao enviar Seu filho para salvar a humanidade, teve cuidado ao escolher qual seria a mulher digna dessa missão. Desse modo, escolhe Maria, a virgem e a mãe, a representante feminina, a mulher que disse não ao pecado, é imagem da primeira mãe que se ajoelha diante do filho, desta forma, reconhece a própria inferioridade, “é a suprema vitória masculina que se consuma no culto de Maria: é a reabilitação da mulher pela realização de sua derrota” (BEAUVOIR, s/d, p. 215). Os homens carismáticos são orientados a procurarem essas ‘Marias’ em lugares santos e esse é o desafio que o Senhor faz a eles, terem paciência para buscá-las no lugar certo, uma vez elas não se encontram em boates ou em ambientes promíscuos e, sim, num ‘lugar santo.’ Com isso, a Renovação mostra-se uma sociedade fechada, na qual somente pessoas que se submetem à disciplina são as dignas de constituírem uma família feliz.

CONCLUSÃO

A potencialidade do discurso da Comunidade Canção Nova é observada durante a transmissão de suas palestras, por meio da retórica das(os) diversas(os) apresentadoras(es) que se revezam para manter uma transmissão por ininterruptas vinte e quatro horas, assumem o papel de vetores do movimento e retransmitem a mensagem às pessoas que buscam novas esperanças em sua vida no Espírito Santo. Com palavras constantes de ânimo, exaltam a origem da palavra ‘*animare*’, que significa dar alma, elas(es) professam um discurso de reânimo dos que, segundo elas(es), se veem entregues à “rotina que não tem jeito”. E dessa forma o discurso é corporificado pelas(os) integrantes dos grupos de oração.

Por essa busca de esperança, as(os) carismáticas(os) unem-se e aceitam de forma cordial, ao menos aparentemente, as restrições a que são submetidos. No entanto, percebe-se uma clara diferenciação de como homens e mulheres são tratados, ou seja, aos homens é feito um discurso mais ameno, qualquer excesso é justificado pelo famoso “instinto masculino”, que aos poucos é curado pelo Espírito Santo, e são retirados os vícios pecaminosos; enquanto às mulheres é proferido um discurso extremamente

repressor, que não admite falhas, ou seja, elas devem seguir o exemplo santo de Maria.

A Renovação Carismática Católica tem um discurso conservador, porém com grande carga tradicionalista, com o intuito de reforçar a identidade carismática; desse modo, é demonstrado um forte diálogo com as orientações do Papa Bento XVI. Segundo uma líder carismática, a postura que o Papa tem tomado ao reforçar a questão do segundo casamento ser imoral, uma ferida na sociedade, condiz com as orientações da Igreja. Após o Concílio Vaticano II, no intuito de angariar um maior número de fiéis, a hierarquia católica decidiu não ser tão exigente quanto ao cumprimento das orientações tradicionais e, dessa forma, não deixar as pessoas totalmente excluídas da instituição. Porém, Bento XVI, ao perceber que as(os) fiéis esqueceram das orientações da Igreja, resolveu cobrar as obrigações ao pé da letra e reforçar a identidade das(os) católicas(os). Essa postura se reafirmou com os pronunciamentos realizados durante sua estada no Brasil entre os dias 10 e 12 de maio do ano de 2007, no qual o Papa pediu aos bispos que defendam valores morais caros à igreja, como a castidade e o casamento.

Desse modo, é possível analisar que o movimento carismático, num percurso inverso ao da sociedade, reatualiza os conceitos tradicionais dentro da modernidade, ou seja, enaltece a participação das(os) leigas(os), a proximidade das(os) fiéis, mas sem se esquecer da tradição, pelo contrário reafirma a necessidade dos conceitos morais dentro do movimento, do contato com a palavra de Deus com base na Bíblia e reafirma a necessidade dos sacramentos para uma vida predestinada à santidade. O movimento renova os ares da tradição, redescobre dados da modernidade possíveis de diálogo com a memória eclesial, mas sem romper com as normas católicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIB, J. *Céus novos e terra nova*. São Paulo: Loyola, 1996.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. vol. 1: Fatos e mitos.
- BENEDETTI, L. R.. *Templo, praça, coração: a articulação do campo religioso católico*. 1988. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BERGER, P. *O dossel sagrado*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998.
- CAMPOS JR., L. C. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995.
- CARRANZA, B. M. D. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida do Norte: Santuário, 2000.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OLIVEIRA, L. C.. *Visões do inferno: a temática escatológica na Igreja Católica Contemporânea no Brasil*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

PIERUCCI, A. F. *O desencantamento do mundo*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

PIERUCCI, A.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, R. Fé. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Especial, 26 de dezembro de 1999.

_____. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1997.

RANAGHAN, K. D. *Católicos pentecostais*. Pindamonhangaba: O.S.Boyer, 1972.

ROSADO-NUNES, M. J. Mulheres e o catolicismo no Brasil: uma questão de poder. In: — *Interfaces do sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho D'Água, 1996.

TOSTA, S. F. P. *A missa e o culto vistos do lado de fora do altar: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro de Petrolândia, Contagem – MG*. 1997. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

WACH, J. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.